

É como ver um céu estrelado...

*Assembleia nacional com os colegiais de Comunhão e Libertação
com Marco Montrasi (Bracco), responsável nacional do Movimento.
Realizada por videoconferência no dia 16 de outubro de 2021*

Sêmea (Belo Horizonte): Primeiro eu queria agradecer a todos vocês que estão aqui, pois já tem um tempo que a gente não se encontra, e agradeço também ao Bracco pela disponibilidade para estar junto com a gente. Neste tempo surgiu a pergunta: “Diante daquilo que acontece, o que tem me ajudado a crescer?” Nós passamos por várias situações, várias coisas aconteceram na pandemia e agora a gente está vivendo um pouco o “pós-pandemia”. Disso tudo, o que eu aprendi? O trabalho que a gente fez com o livrinho da Itália fala do que significa julgar e fazer experiência, e seria bonito também a gente partir dessa verificação hoje, na nossa Assembleia.

Mônica (São Paulo): A música que a gente vai ouvir hoje é *Something just like this*, que é cantada pelo Coldplay. Eu vou ler a tradução:

Algo exatamente assim (Something just like this)

Estive lendo livros antigos, as lendas e os mitos, Aquiles e seu ouro, Hércules e seus dons; o controle do Homem-Aranha e Batman com seus punhos. E claramente não me vejo nessa lista dos super-heróis.

Ela disse: “Aonde você quer chegar? Quanto você quer arriscar? Eu não estou procurando alguém com dons super-humanos, um super-herói, uma felicidade de conto de fadas. Eu quero algo para que eu possa me voltar, recorrer, alguém que eu possa beijar. Eu quero algo exatamente assim”.

Estive lendo livros antigos, as lendas e os mitos, os testemunhos que contavam a lua e seu eclipse e o Super-Homem retira um traje antes de voar. Mas não sou o tipo de pessoa que se encaixa nisso.

“Aonde você quer chegar? O quanto você quer se arriscar? Eu não estou procurando alguém com dons super-humanos, um super-herói, uma felicidade de conto de fadas ou um super-herói. Eu quero alguém a quem eu possa recorrer, alguém de quem eu possa sentir falta. Eu quero algo exatamente assim”.

Essa música me chama a atenção porque a experiência que fazemos não é a de sermos “super”, super-heróis, super-humanos: é a de ter justamente alguém que chega a mim exatamente como eu, e me faz companhia sendo exatamente como eu, no miúdo da vida.

Sêmea: Então a gente vai começar, aproveitando a presença do Bracco, para contar um pouco dessa experiência, destes meses em que ficamos sem nos encontrar todo mundo junto; contar um pouco do que foi, e partindo da pergunta: “Diante do que me acontece, o que tem me ajudado a crescer?”

Bracco: Olá, boa tarde! Tudo bom? Eu queria saber que colegiais estão aqui, nessa reunião. Não conheço todo mundo. Quem fala um pouquinho?

Colocação: *Eu posso começar a falar. Uma coisa que eu percebi é que, neste momento da minha vida (eu estou no segundo ano), eu já estou começando a pensar, já faz um tempo, em vestibular e tudo o mais. E eu comecei a perceber na minha vida que, cada vez mais, eu tenho menos controle sobre ela. E acho que a pandemia veio para colocar isso ao extremo. E quanto mais eu tento fazer com que isso caiba numa caixinha, em que a minha vida siga meus planos, em que eu tenha controle sobre tudo, fico cada vez mais infeliz. Mas como eu consigo viver essa vida, mesmo que eu*

não consiga controlar? Como é que eu enfrento os momentos que podem não ser aqueles ideais, que eu tinha idealizado? E eu fui percebendo que cada vez mais – eu até lembro que um amigo tinha dito, em outra Assembleia, que o maior medo dele era ficar sozinho, alguma coisa assim; e isso marcou na minha cabeça, porque eu comecei a perceber que cada vez mais eu preciso das pessoas, eu preciso dessa humanidade das pessoas, eu preciso estar com os meus amigos. Eu preciso que tenha uma pessoa tão humana comigo, para que eu consiga enfrentar esses momentos. Que ela não seja minha salvação, mas ao mesmo tempo eu preciso de uma companhia. E que, sem uma companhia, eu não consigo fazer nada.

Colocação: *Isso acaba sendo uma coisa interessante, porque ontem eu estava falando com uma amiga sobre isso, e sobre como estes dois anos se tornaram muito diferentes quanto à presença de pessoas, seja família, seja de amigos; e como a gente percebeu a diferença que um contato às vezes pode fazer. Porque, antes da pandemia, você podia achar que estava sozinho, mas você não estava sozinho, e só veio a perceber isso por causa da pandemia, quando ficou sozinho de fato. Pelo menos foi isso o que aconteceu comigo.*

Bracco: Obrigado por essas coisas que estão dizendo. Eu gosto muito do Coldplay, gosto muito dessa música. É exatamente isso que vocês disseram, é a razão pela qual eu estou aqui agora, com vocês. Todos nós estamos aqui. A gente não está procurando ser um super-herói. No fundo, no fundo, nós não procuramos ser perfeitos para todas as nossas coisas darem certo, vestibular, ou que acabe a pandemia... Claro que nós desejamos tudo isso; mas, no fundo, no fundo, quando tudo se resolve continua uma falta. Mesmo quando as coisas começam a se resolver um pouquinho, não estão ainda resolvidas. Aos poucos dá para a gente se encontrar, rezando para que as coisas continuem assim. Mas você vai ver que, quando voltar a encontrar todo mundo, voltará também o dia que você chegará em casa e sentirá alguma falta. Então nós não estamos procurando uma felicidade de conto de fadas. E temos que ser sinceros. Essa pandemia talvez tenha chegado para desvendar todas essas coisas que talvez antes, sem a gente se dar conta, a vida fazia com que a gente pudesse carregar as coisas, quem sofrendo mais, quem sofrendo menos, dentro das várias companhias que temos, das várias coisas que tomam nosso tempo, dos vários afazeres. Mas agora é como se estivesse mais forte, mais gritante, me parece, também pelo que vocês disseram: eu quero algo assim, eu quero algo a mais. Eu preciso de algo a mais. “Eu quero apenas algo para que eu possa recorrer, alguém que eu possa beijar” – diz assim na música. Por quê? Porque nós procuramos isso. Procuramos esse amor louco, essa coisa que possa revolucionar a vida. A gente procura a revolução da vida, que aconteça uma coisa no meu dia e que eu volte para casa... Quando aconteceu alguma coisa e tudo parece diferente: é a mesma coisa, mas é diferente. Então, se tem uma coisa que podemos agradecer, é se sentimos, já nestes dias, alguma coisa quase que explodindo dentro de nós, mesmo que incomode. Mas algo explodindo dentro de nós, que talvez fosse esse desejo de encontrar alguém assim. Por quê? Porque eu sinto que as coisas não bastam. Por isso eu tenho esse desejo de uma companhia. Por quê? Porque no fundo, no fundo, para mim a companhia foi isso, foi um lugar, é um lugar que me ajuda não a resolver esse problema, mas a torná-lo mais vivo, mais quente. Porque, quando eu estou assim, eu estou mais vivo. Eu posso estar em casa, mas estou mais vivo. Por exemplo, só o fato de ouvir isso que disseram agora, já me acendeu. Eu estou mais vivo, só pelo fato de lembrar disso, desse desejo. E que é provocado por alguma coisa, como pelo vestibular, pelas coisas sobre as quais a gente vê que não tem controle. Vem quase um medo. Mas qual é a coisa mais bonita que pode acontecer, mesmo quando acontece isso? Se eu percebo que tenho dentro de mim algo que está explodindo, que é uma sede, que é uma falta. Por isso é que eu preciso de uma companhia. A coisa mais importante de uma companhia, para mim, é que me ajudou a ser vivo assim. Porque assim você não é mais dominado pelo medo do vestibular, pela preocupação... Continua, mas quando acontece alguma coisa com você, você não é mais dominado. Você está com alguma coisa que lhe dava um medo danado – talvez coisas mais graves, que alguém entre nós talvez possa ter que enfrentar – e lhe acontece algo, e você se surpreende ao não

ser mais dominado por aquilo, por aquela preocupação total, por aquele medo. Não sei se estou dizendo coisas absurdas, ou se vocês reconheceram em alguma experiência. Porque isto aqui pode ser a grande coisa que nós descobrimos nesses dias: fechados em casa e sendo livres. Porque depois, não vamos mais esquecer isso. O que lhe dá esse sentimento de liberdade, de não ser dominado pelo medo, quando as coisas apertam, quando as coisas não estão sob o meu controle? Como a música que vocês escolheram tem a ver com o que disseram, e como isso é a nossa estrutura humana, e como eu preciso de uma companhia – não para me responder a tudo, não para me salvar de todos os problemas, mas para me acender de novo! “Não quero uma felicidade de conto de fadas”, “alguém que eu possa beijar”. Que significa o quê? Alguém que, quando volto para casa, o cachorro está diferente, está chovendo, mas eu estou alegre; há o problema da minha prova, mas não estou dominado por ela... Por quê? Porque há algo que começou a fazer uma revolução na minha vida. Pode ser um grande amor, pode ser outra coisa. Por isso é uma companhia. Se vocês têm mais experiência sobre isso, ou perguntas, ou outra coisa, podemos continuar nessa linha.

Colocação: *Eu queria dizer uma coisa, eu fiquei ouvindo... Eu não queria falar não, mas eu vou falar.*

Bracco: Olha, quando acontece alguma coisa, todos nós que estamos aqui, precisamos desejar que aconteça isso, algo imprevisto. Eu não queria falar, e me vem algo para dizer; eu queria ficar com a câmera fechada e agora preciso ligar a câmera. Ou continue com a câmera desligada, não tem problema. Mas sabe, alguém que muda, alguma coisa que muda, alguma coisa que me tira do mesmo de sempre com o que eu estava já acostumado.

É que, quando eu li essa pergunta, fiquei pensando bastante. A pergunta é: “O que tem me ajudado a crescer?” Bom, agora eu tenho uma namorada. Aí um dia uma criança me disse assim: “Ah, não sei por que vocês namoram, porque nunca vi... Uma namorada não me corresponde, uma namorada não me completa”. Aí eu disse: “Uai, mas a minha namorada também não me completa. Não é que ela me complete”. E ele disse assim: “Mas por que você gosta dela, então?” Ele, uma criança, me perguntou por que eu gosto dela. Eu comecei a pensar depois, não só por isso, não só a questão de uma namorada, mas o que tem me ajudado a crescer nesse tempo, e acho que tem a ver com essa coisa, são as pessoas, são as companhias que eu tenho nesse tempo. Quando você falou dessa coisa – “eu quero alguém para beijar” –, eu acho que, quando a gente se apaixona, e eu agora posso dizer com propriedade, as coisas mudam, é muito estranho, porque até as coisas que eu achava chatas agora fazem um sentido. Não sei explicar, de verdade é muito estranho; mas as coisas acontecem, e a gente fica diferente.

Bracco: Por que você acha que está diferente?

Por exemplo, eu odiava fazer ligação, ficar conversando ao telefone. Agora é uma coisa que eu faço todo dia, toda hora, é muito bom. Ou não gostava de ir à missa, agora eu sinto que tenho necessidade de ir à missa para pedir, não só pelo meu relacionamento, mas por tudo. Ou rezar, tudo tem uma cara nova por conta de uma coisa que aconteceu e que era imprevista.

Bracco: Em você, o que você percebeu mais em si mesmo?

Que eu estou mais feliz!

Bracco: Então, por quê? Porque quando acontece uma coisa assim, essa coisa de que fala a música, olha a diferença: você pode passar a vida tentando ser um super-herói, resolver todas as coisas, encaixar todas as coisas, ir bem em todas as provas, passar em todos os vestibulares. Mas mesmo quando acontece – às vezes não acontece –, não tem comparação como quando lhe acontece de se apaixonar. Por quê? Temos que entender por quê. “Alguém de quem eu possa sentir falta”, a música diz também. Que aconteça alguma coisa de alguém que eu possa sentir falta. Por que isso? O que é sentir falta? É que com aquela pessoa você nunca se sentiu você mesmo como aquele dia, como aqueles momentos em que lhe disse: “Sim, tá bom! Vamos!” Não era porque fosse a pessoa mais bonita. Por quê? Por que sentimos falta quando acontece uma coisa assim? Porque aquela pessoa, aquele “tu”, aquele outro, me faz sentir mais eu mesmo, como nunca! Como nunca eu tinha percebido. Começou a vibrar algo dentro de mim que eu nem sabia que existia. Você quase gosta

mais de se sentir tão vivo, que é por isso que você a procura. Por isso é um exemplo de que acontece essa presença, como dizia a música. Por que almejamos tanto encontrar uma presença assim? Porque nós precisamos vibrar tanto, que sentimos falta quando nos falta uma presença que nos faz vibrar assim o nosso eu. Porque não tem comparação na vida. E quando acontece, mesmo que as coisas não se encaixem, mesmo que tudo esteja bagunçado, você vai, você vive, você caminha. E aqui temos que fazer um passo a mais; como o menino ou a criança disse a ele: “Mas olha, ela não responde a tudo”. Então aqui chega o problema. Então também isso que dissemos até agora, que me corresponde, isso também é uma ilusão, vamos esperar então a ilusão de quando vamos ficar mais velhos. Por exemplo, essa coisa da paixão é uma coisa de adolescente. É a mesma coisa, porque também quando você está com a sua namorada, você nunca se sentiu tão você mesmo, tão vivo. Vocês se sentiram tão vivos por um amor que aconteceu. Mesmo quando percebe que não basta. Também aquilo não basta, também vai chegar o momento em que vão perceber que não basta. Por quê? Porque aquele relacionamento, aquele rosto tocou alguma coisa que não pode ser preenchida por aquele rosto. E se exigir que ela o preencha, você ficará decepcionado. Ou ficará violento com essa pessoa. Porque não pode preencher você, não pode. Só que isso não tira toda a promessa que aconteceu, que é a promessa da música. Isso não tira, esse é o início. É o início, a companhia, o desejo da companhia, de que se falava antes. Quando você encontra a companhia, quanto mais ela é verdadeira, como pode ser a da namorada ou do namorado, mais tornará potente esse seu desejo de mais, de infinito. Quando colocarem uma tampa, é o momento em que a companhia, o namoro, acabou. Eu tenho esta imagem: é como se estivesse no seu quarto e ali há um buraco no telhado; lá em cima há um buraco, e uma noite você começa a ver, desse buraco, o céu estrelado. Aquele buraco, aquele cantinho, se torna a coisa mais querida que você tem, à noite, quando você vai lá. Porque através daquele buraco, naquele cantinho, você pode ver o céu estrelado. E isso é a companhia, isso é a namorada, o namorado: ela não é o céu estrelado. A companhia que procuramos não é o céu estrelado. Mas podemos fazer a experiência de que, através daquele rosto, ou através daquela companhia, eu começo a fazer a experiência do céu estrelado. Por isso é que se torna uma coisa de que você sente falta, porque uma vez que vê o céu estrelado, você não vive mais só com o seu telhado ou a sua internet. Então, o que dissemos até agora, que é bom, que este momento proporciona: temos sede, vemos que a vida está fora de controle, nós queremos o controle mas a vida está fora de controle; e vem o desejo de algo que é uma companhia. Por quê? Um exemplo da companhia foi a do namoro: algo que revoluciona a vida. Por quê? Porque faz você viver e conhecer o seu eu de uma forma que você nem imaginava. E de uma companhia que não quer tampar o seu desejo, os seus problemas, mas abre você para o céu estrelado. É isso que procuramos. E quando não tem mais isso como fundo, qualquer companhia – pode ser da namorada, dos amigos – a vida se torna chata.

Quem mais tem experiências parecidas, ou perguntas sobre isso, pode falar. Talvez não tenha ficado tudo claro. Porque, depois, essas amizades, esses rostos, você começa a entender que se tornam alguma coisa que, se você cuida – “cuida” não significa encontrar-se a todo momentos, mas por exemplo: se vocês estão aqui, é porque estão cuidando disso, é algo precioso. Porque, quando a gente fala dessas coisas, esse desejo do céu estrelado vem de novo dentro de mim. Eu entendo que sou feito para isso, não para outras coisas. Isso me ajuda a viver também as outras coisas, sabe? Não decepcionado pela finitude que tem. Eu, antes de começar, estava muito bravo porque o meu time perdeu hoje. Quem é torcedor de um time sabe que você fica muito nervoso. Aí começamos a falar dessas coisas e eu já me esqueci do jogo! Agora se eu lembro, ainda fico um pouquinho nervoso, mas é outra coisa! É outra coisa, aquela coisa se torna justa, do seu tamanho. Por quê? Porque a minha vida é outra coisa! O céu estrelado não é isso. Quando o meu time ganha, eu estou feliz, mas tem a duração, tem a potência de preenchimento: de felicidade e de tempo, muito curto. É incomparável quando a gente fala dessas coisas, e quando se faz experiência dessas coisas.

Colocação: No caso, alguém que sempre me deixa preenchido a todo tempo – esse meu céu estrelado – é o meu sobrinho. E essa sensação de ter uma pessoa, mesmo que tão nova, mesmo que

ela não saiba a importância que ela tem na sua vida, quantas vezes ela pode ter sido o motivo do seu sorriso, da sua felicidade. Isso é uma coisa surreal, porque às vezes você acha que não faz diferença na vida de uma pessoa, ou que aquela pessoa não faz diferença na sua vida; mas quando tira isso, você vê que você não é você: aquela pessoa se tornou parte da sua vida, da sua personalidade, de quem você é. E se a tira, você vive uma espécie de solidão, mas não completamente solitária.

Bracco: Muito bonito isso. É por isso que há pessoas que você quer ter sempre no canto dos olhos. Se penso na minha história, há tantas pessoas que encontrei e que, quando voltava para casa, eu dizia: “Nossa, eu quero me lembrar dessa pessoa, quero ficar próximo dessa pessoa”. Às vezes dava para ficar próximo, algumas vezes não dava. Começou com Dom Giussani, mas também pessoas mais próximas. Estou pensando no Padre Pigi, no Carrón, mas também vocês, amigos. Por quê? Por causa do que você disse: é como se se tornassem parte de você. Por quê? Porque aquela pessoa tornou você mais viva, tornou você mais você mesma, lhe deu mais horizonte na vida. E tornou você livre, não dependente dela. Esse é outro sinal de uma pessoa que é como esse buraco que o ajuda a ver o céu estrelado: não prende você a ela. É seu amigo, é sua amiga, você vê que se cria um vínculo, porque lhe abre o horizonte, leva-o para lugares que você nunca imaginava, lhe faz descobrir algo de você que você não pensava, e o torna livre, o torna mais livre. Porque quando descobrimos isso, nós nos tornamos mais livres. Essa é liberdade, não é fazer duzentas mil coisas. Você pode ficar preso em casa por causa da pandemia e se sentir livre. Por quê? Porque lhe acontece, talvez, conhecer uma coisa assim, ou essa pessoa, ou lembrar-se dela. E não o prende a ele. Essa é a experiência mais bonita da amizade que pode acontecer. Então, quando acontece uma coisa assim, tem que guardar, tem que guardar bem. Tem que cuidar. Hoje em dia todo mundo quer conquistar você, sendo como o seu perfil favorito, o seu guru. É difícil ter alguém que lhe fala da própria vida, mas o deixa livre, quer que você seja livre. E isso é um sinal de que há alguma coisa aí. E para mim as coisas que mais me ajudaram foram alguns relacionamentos que me falaram disso, falaram da vida, falaram de coisas extremamente concretas, como aquilo de que estamos falando hoje, de coisas de que eu preciso para viver. Aqui não estamos falando de filosofia, de religião. Estamos dizendo coisas que podem ter a ver com filosofia e religião, mas estamos falando de coisas de que precisamos para viver. Porque vocês sabem: muitos entre nós, jovens, adultos, também muitos jovens nesse tempo, se perguntam muito sobre o sentido da vida, precisam de algo para viver; precisa-se de algo para viver: que é “alguém que eu possa beijar”, alguém de quem eu possa sentir falta, o céu estrelado... Precisamos encontrar essas pessoas, que são as que revolucionaram a minha vida quando me falaram quem era Cristo. Eu já tinha ouvido falar d’Ele fazia um tempão, mas não era interessante para minha vida; não tinha nada a ver com os interesses da minha vida. Minha vida tinha outros interesses. Eu até acho que acreditava, não sei. Na época em que eu ouvi falar de João e André, por exemplo, de uma forma que eu senti que era isso que eu procurava: um encontro como fizeram João e André com Cristo. Os primeiros dois discípulos. Se vocês vão ler a história de João e de André, foi o dia que revolucionou a vida deles. Aconteceu naquele dia a maior revolução da vida deles. Porque nunca se sentiram tão vivos! Nunca se sentiram tão entendidos. E ficaram com aquele homem todo aquele dia, quase se esqueceram de comer. Quando eu ouvi falar disso, disse: aqui tem alguma coisa que tem a ver com o céu estrelado. Aliás, eu entendi que procurava o céu estrelado quando me aconteceu esse encontro. Por isso eu não larguei nunca mais dessas pessoas que sempre me foram dadas, que me falavam desse homem assim. Porque esse homem tinha a ver com o céu estrelado que eu desejo, desde quando acordo de manhã até quando vou dormir. Foi a única coisa que eu vi que podia corresponder a esse desejo imenso que eu sinto, que eu tenho; e que era possível encontrar, era possível encontrar aquele olhar humano, hoje. Enquanto dizia que era possível encontrar aquele olhar, eu estava encontrando aquele olhar. E ainda hoje acontece isso dentro de encontros. Por quê? Porque você percebe essa coisa única. Uma coisa única é quando algo que acontece toca essa fibra do seu desejo do infinito.

Quem quer falar mais? Pode ser que alguém, entre nós, não tenha feito essa experiência. Sinta talvez a dor de não ter feito ainda essa experiência, como se isso fosse ausente. Ou pode ser que

haja alguém aqui que não sente nada. Mas se está aqui, era para ouvir isso. Então, tente levar em consideração. Se pelo menos agora sente um pouco de desejo, vá atrás. Porque significa que já está acontecendo alguma coisa.

Colocação: *Você sempre fala de João e André, e de como eles ficaram marcados pelo encontro. Algumas vezes, acontecem alguns encontros, passamos alguns dias bonitos, mas depois eu perco o encanto, não sei explicar. Parece que passou e o momento foi aquele; foi importante lá, mas não vem um significado. Mas eu queria saber como é que a gente mantém essas coisas vivas, porque eu sei que é verdade, não é uma coisa do momento. Mas às vezes passa.*

Bracco: Porque isso é como com a sua namorada. Por exemplo: você tem um dia espetacular; mas de manhã, quando acorda, não lhe basta o dia de ontem, tem que acontecer de novo. Então, o que você faz? O que fizeram João e André? O problema é quando acordamos de manhã, no dia seguinte. Esse é o problema. Quando lhe acontece uma coisa que você viu que foi importante, que teve os traços inconfundíveis de algo que não é a mesma coisa, o problema é o dia seguinte, quando você acorda. O que você faz? Tem duas opções: ou deixa para lá, porque talvez não sinta mais aquela explosão que estava sentindo, e diz: “Tudo bem”; ou vai atrás. Ou você vai atrás de novo, porque sente falta daquilo. Para mim foi assim. Eu também fiz a experiência; passa, passou. Mas depois, no dia seguinte – estou falando “dia seguinte”, mas poderia ser a semana seguinte, três dias depois – mas sabe, é a seriedade nossa. Seriedade não é uma palavra “chata” assim; pode ser, mas neste caso é a seriedade com a sua humanidade. Porque a gente pode deixar para lá; pode acontecer a coisa mais preciosa e você pode deixar cair. Isso está nas mãos de vocês. Porque, se tem algo que o Mistério – se vocês acreditam em Deus – nos deu como dom, é que deixou algo nas nossas mãos. Mas não porque “eu vou te dar isso, agora se vire”: não por isso. Porque, para ser meu – como dissemos antes: para uma coisa ser minha, eu preciso decidir. Eu preciso decidir. Você precisou decidir ir atrás da sua namorada, levar a sério a sua humanidade com ela; você arriscou lá, arriscou a cara – não sei, acho! Nem sempre é tudo fácil. E com isso que dissemos hoje, precisa arriscar também. Não é porque eu não sinto como senti ontem, que significa “passou, foi um sonho, foi uma ilusão, não é nada”. Isso é a lâmina onde entra a nossa liberdade. Mas o que me aconteceu? Aconteceu que eu levei a sério essa minha falta, me fazia falta aquela experiência que eu tinha feito. Então fui atrás. Eu vi que, indo atrás, aquela coisa me aconteceu de novo. E depois aconteceu de novo. São mais de 30 anos – 40, acho – que não sempre, não todo dia, não da mesma forma: mas acontece aquela experiência que eu fiz, de me sentir “eu” como nunca. Então é uma decisão da sua liberdade de permanecer, como dissemos; de ficar indo atrás. Não largar. Não largar aquilo que gerou em você aquela coisa inconfundível, que é a experiência daquele buraco pelo qual você viu o céu estrelado. Porque hoje em dia vocês, como eu, tem milhões de outras coisas que parecem mais brilhantes, mais fascinantes, mais atrativas, que parecem que nos preenchem muito mais. E você vai ter que decidir. Para mim foi assim. Mudaram as pessoas – porque não são as mesmas pessoas; eu estava na Itália, agora estou aqui no Brasil – mas aquela coisa, através de uma companhia (como disse nossa amiga antes) que me ajudou a ser fiel também, aquela coisa, aquela experiência não me largou, não me largou mais. Eu deixei às vezes, fui infiel. Mas sempre voltei, é isso que me salvou até agora. Me salvou no sentido de que salvou aquela experiência; não me salvou das chamas do inferno, me salvou aquela experiência. Está salva. Aquela experiência está em mim, salva; está em mim, presente ainda. Essa é a coisa difícil hoje em dia. Por isso que precisamos ser homens; precisamos ser homens, mulheres que decidam. Mas não é uma decisão forte: “Agora tenho que me esforçar todo dia”. Não, é o contrário: tem que se render todo dia, tem que ser simples todo dia, ir lá e dizer: “Nossa, mas tem uma coisa que me correspondeu mais do que aquilo que eu vi”; é uma coisa da memória, e aquilo que é o inimigo que temos hoje, que se enfia em todos os lugares, faz você esquecer a memória, confundir a memória, ou esquecer. E lhe fala como se não tivesse sido verdadeiro, torna aquilo lá pequenininho, pequenininho... quase sumindo. E chega uma outra coisa que é esplendorosa, colorida, gostosa. Mas se você não larga uma companhia de amigos assim, aquela coisa pequenininha volta. Volta. Você pode dizer: “Mas isso aqui é verdadeiro, isso aqui me

corresponde, isso aqui é o céu estrelado. Isso aqui é o buraco que me ajuda a ver o céu estrelado”. Volta tudo, e você volta a fazer aquela experiência de novo. Então não passa. Você faz a experiência que não passa. Passa a vibração de um encontro, de uma coisa: acontece, não é sempre assim, mas não passa. Dá para entender? Passa, mas não passa. É como o sol: passa, mas não passa. Eu sei que vai voltar.

Então, não sei vocês, mas quando a gente fala dessas coisas, imaginem quantos nossos amigos, amigos de vocês, estão procurando isso, estão procurando encontrar alguém, uma companhia que os ajude a entender isso, que nós somos isso. E talvez estejam lá, loucos, procurando alguma coisa que não responde a isso. Imaginem quantos amigos poderiam estar aqui, falando dessas coisas. Então dá vontade de falar para todo mundo: “Vem aqui!” Não porque seja um refúgio dentro da bagunça que é o mundo, como se costuma dizer. Aqui não é o refúgio da bagunça; é o contrário, aqui é a bagunça verdadeira, a que eu procuro, que é o contrário de um refúgio. É por isso que dá vontade de ir lá no mundo. Porque você pensa em tantos que talvez estejam se matando, literalmente, porque não estão encontrando isso.

Colocação: *Não sei se tem muito a ver com o que está sendo dito, mas tem uma coisa que nestes últimos tempos me marcou muito e eu queria compartilhar com vocês. Algumas semanas atrás, a gente – pessoal de BH – foi para São João del Rei passar uns dias lá. E eu, diferentemente do povo, fui uma semana antes; fiquei lá um tempo antes porque São João sempre foi uma cidade especial para mim, porque meus avós moravam lá, passei minha infância toda indo para lá, tinha meus amigos lá, e grande parte das minhas memórias mais especiais foram lá. Nessa semana em que o pessoal todo não tinha chegado ainda, eu fui com meu pai na casa do meu avô, que desde que ele faleceu em 2019 estava fechada. Meus pais e meus tios sempre estavam na discussão se vendiam a casa, e no final das contas decidiram manter para futuramente fazê-la “voltar à ativa”. E a gente foi lá, fazia muito tempo que eu não ia, e assim que eu entrei vi a casa toda vazia, mal cuidada. Um lugar em que eu passei os meus melhores momentos estava mal cuidado e vazio. E eu não sou uma pessoa de chorar, mas assim que eu pisei lá eu desabei, porque passou tudo na minha cabeça, tudo o que eu vivi lá, e por ver do jeito que está. Depois que passou esse tempo em que eu chorei, em que eu me emocionei e me recompus, me veio uma alegria muito grande por poder ter voltado para lá depois de dois anos, ter visto como é que está tudo, ter matado a saudade. E mais feliz em saber que meus tios e meu pai já estão com planejamento de voltar à casa. Tem grande chance de a beleza da casa voltar, vão reformar, remobiliar, essas coisas. Então é só isso mesmo que eu queria dizer, que me marcou muito nessas últimas semanas.*

Bracco: Mas o que mudou a tristeza, a agonia, e você se tornou mais tranquilo? O que fez você mudar?

Colocação: *Eu acho que a tristeza foi mais pelo impacto de eu estar acostumado sempre com a casa do jeito que ela era, e o impacto de eu vê-la diferente. Mas quando eu estava me recompondo, fui pensando, e só de imaginar e ter a certeza, na minha cabeça, de que tem grandes chances, sim, de voltar à beleza que ela era antes, me deu uma alegria enorme. Algo como: tem como mudar isso, a casa não vai ficar feia assim para sempre, ela vai voltar ao que era – não ao que era, mas vai ficar mais bonita, como era antes. Acho que foi isso que me fez sair da tristeza pra essa alegria.*

Bracco: Porque tem a ver com o que dissemos. Era a casa da sua vó, né? É um lugar cheio de lembranças, onde você passou sua infância, provavelmente muito tempo. Cheio de lembranças e de afeto, né? O que são os avós ou a família? São esses vínculos de que a gente falou antes. Você vai a um lugar tão cheio de significado e o vê de repente vazio, sem nada. Então você teve, e tem que responder: “Mas tudo o que eu vivi vai acabar no nada? Como esse quarto vazio?” Basta para você o fato de que um dia, talvez, você vai recolocar lá a mobília, os quadros? Você tem que responder também a isso: o que pode dar vida, de novo, àquele quarto e àquelas lembranças? Há algo que pode dar vida a isso? Será recolocar vida dentro dele com os móveis novos, cores novas? Ou há algo que dá vida às minhas lembranças, como dissemos agora? Há algo que não passa? Essas são perguntas que essa experiência que você contou agora nos ajuda a fazer; perguntas de que não

temos que ter medo. Eu vou deixar para vocês essas perguntas, depois a próxima vez a gente vê o que vocês experimentaram. Porque isso não é só para os quartos, as lembranças da sua avó: será quando vem a falecer uma pessoa cara para você, seu amigo, sua amiga... Quando a gente pensa em nós mesmos, que um dia vamos acabar também. Todos os nossos projetos vão para onde? Há algo que não passa? Há algo que mantém as coisas para sempre? Ele começa um novo amor agora: o que mantém isso para sempre? Essas são as perguntas que às vezes não pensamos, ou pensamos e tentamos esquecer um pouco, porque às vezes dói, às vezes não temos respostas. Mas as respostas estão dentro do que dissemos hoje. Mas tem que vir da nossa experiência, tem que vir de dentro da nossa experiência. E isso se vê também nos encontros, nas pessoas, como falamos. Por que nos agarramos em pessoas? Por que algumas pessoas são como os buracos que me fazem ver o céu estrelado? Porque, de alguma forma, elas me falaram sobre essas perguntas. Mas vocês também pensem, da próxima vez a gente pode aprofundar isso.

Sêmea: Obrigada, Bracco!

Queria passar os avisos para vocês.

Primeiro é que dia 13/11 às 16h vamos fazer o encontro do Dia de Início do Ano da Itália. A gente vai passar o vídeo. Então já deixei agendado, não marquem nada! Serão cerca de 50 minutos. O tema é: “Um incessante desejo do impossível”, que é o tema do Dia dos Colegais.

A questão das Escolas da Comunidade: continuamos com os textos que estão sendo publicados no site do Movimento (<https://portugues.clonline.org/escola-de-comunidade/escola-de-comunidade-gioventu-studentesca>), nós estamos continuando o percurso do site, como o pessoal da Itália, e estamos seguindo também aquilo que está sendo colocado para a gente.

E a questão dos encontros, eu acho assim: aqueles que já podem, já conseguem, já têm possibilidade de fazer presencial, se puderem, façam. Nós contamos o exemplo que fizemos, da convivência com o pessoal de São João, de que o Tomás falou. Foi muito bonito, a gente ficou junto o final de semana. Não só para eles como para mim e para o Marcelo, que estávamos lá para acompanhar, foi uma experiência muito legal, de ficar junto com os meninos. Não é que a gente fez muita coisa não, a gente só ficou junto, foi para casa dos amigos, jogou basquete, tocou violão, jogou futebol, fomos à missa juntos na Catedral, ficamos junto. Então é um ficar junto de uma forma assim livre, e conversamos. Então, se vocês puderem, acho que nós temos essa necessidade, eles também têm essa necessidade de fazer esse percurso. Aqueles que têm a possibilidade de fazer, de acordo com a necessidade. Porque também sabemos, por exemplo, que a Escola de Comunidade, no atual momento, acho que ainda vai perdurar um bocadinho, vai ficar um pouco híbrida: um pouco presencial e um pouco on-line. Porque tem muitas cidades do interior, principalmente agora, que têm a possibilidade de fazer com as cidades grandes. Então isso tem facilitado um pouco esse caminho.

E tem a Revista Passos e o Fundo Comum, de que a gente sempre fala. Teve a Semana da Revista, e vocês viram as *lives* todas que aconteceram. Podem retomar no YouTube (<https://www.youtube.com/comunhaoelibertacao>). Não é só comprar a Revista: a Revista cada vez tem cada coisa escrita, muito bonitas, principalmente as cartas. Se não tem a Revista, pegue, faça online. Peça emprestado, a gente empresta. Está sendo fascinante o trabalho de estar lendo aquilo que está sendo colocado. São experiências muito bonitas que estão sendo relatadas para a gente.

Também agora está tendo a Coleta de Alimentos (Instagram: [@coletheadalimentos](https://www.instagram.com/coletheadalimentos)). Quem puder ajudar, também é importante.

E que a gente reze uns pelos outros: pelos nossos amigos que estão doentes, e hoje em especial a gente vai rezar uma Ave Maria pela aniversariante.

Bracco: Eu queria dizer uma coisa: o que dissemos hoje é uma revolução. E vocês podem se tornar os protagonistas disso. Como doze rapazes – quer dizer, não eram todos jovens, mas alguns tinham a idade de vocês – mudaram o mundo, porque trouxeram dentro do mundo, seguindo um homem, essa coisa que todo mundo procura. Pensem nisso, nos amigos de vocês. Vocês não são

extraterrestres que estão vivendo uma coisa estranha. Pensem que tem um monte de gente que está só esperando encontrar uma coisa assim. E que isso dá liberdade. Dá liberdade! Vocês podem ser livres, mesmo dentro de uma pandemia. E pensem nisso: pessoas que me ajudam a viver isso. Tem um monte de maneiras para vocês agora poderem ficar juntos. Quer dizer, de ter no canto dos olhos. Como com a internet, etc. etc. Você decide o que você quer ter no canto dos olhos. Aí você vê o que faz você viver com essa vibração, e o que a apaga. E depois, obrigado, porque não era encaixar na minha agenda complicada não, se tivesse isso todo dia, eu livraria sempre espaço! Obrigado!